

RECEPÇÃO DO ROMANCE *MACAU* POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Maria Aparecida de Almeida Rego (UFRN)
cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o romance *Macau* (1934), do escritor norte-rio-grandense Aurélio Pinheiro (1882-1938) e, posteriormente, aproximar a leitura apresentada a uma recepção desse romance realizada na época contemporânea por leitores do Ensino Médio.

O romance em estudo está inserido no contexto da moderna literatura brasileira, no chamado “romance de 30”, período em que as literaturas regionais contribuíram para a ampliação do próprio Modernismo brasileiro. Desse modo, aumentar a compreensão da história literária norte-rio-grandense no contexto da moderna literatura brasileira e gerar possibilidade de expandir a compreensão do sistema literário nas suas manifestações regionais e nas suas implicações com o processo de modernização da sociedade.

O público leitor do romance *Macau*, que será aqui apresentado, são alunos do 3º ano do Ensino Médio, encontra-se em processo de sistematização, no contexto escolar, do movimento modernista da literatura brasileira. Ao mesmo tempo, pressupõe-se que esses estudantes leitores já tenham adquirido conhecimentos prévios que possibilitem uma leitura mais atenta e crítica acerca do romance.

Nessa perspectiva, o presente trabalho oferece contribuições para o ensino da literatura brasileira, pois a concretização da leitura do romance *Macau* tanto possibilita compreender como se articula o sistema literário brasileiro quanto encaminha a uma educação dirigida a uma autorreflexão crítica a partir do enfrentamento da consciência reificada, processo que torna o homem livre e autônomo em relação a qualquer assunto (ADORNO, 2006). Seguindo essas proposições, Candido (1995) e Compagnon (2009) afirmam que a literatura instrui deleitando e torna-se fator indispensável para a humanização e, como expressão cultural que acrescenta saberes, é entendida no contexto escolar como condição indispensável para a cidadania, convergindo nela uma configuração estética e uma nova percepção dos processos sociais.

Assim, esse trabalho surge do estudo do texto literário como um meio de aprofundar discussões relacionadas ao desenvolvimento do sistema literário nacional, sem perder de vista a sua aplicabilidade ao ensino de literatura brasileira. Para tanto, privilegiou a relevância do contexto de criação da obra, bem como a recepção dos leitores do romance e, por isso, exigiu uma metodologia com base em Antonio Candido (1976; 2012) que defende a literatura como sistema, apresenta abordagem sociológica e dialética para estudo da obra literária, bem como em Hans Roberto Jauss (1994) que ao estudar a experiência estética da recepção literária, acredita que a obra é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor, o que nos leva a uma transposição didática desta teoria ao ensino de literatura na educação básica.

1. Apresentação do romance e do contexto de criação

Na ocasião da primeira edição, em 1934, *Macau* obteve uma recepção positiva pela crítica literária jornalística. Tivemos acesso a pouco mais de uma dezena de matérias entre notas, resenhas e indicação de leitura do “belo romance nordestino passado na terra do sal” (*Diário da Noite/RJ*, 30 de maio de 1935). No geral, essas

leituras destacam o caráter de “brasileirismo” das personagens que vivem em uma cidade do nordeste e a capacidade descritiva do cenário, o que levou a obra a receber a classificação de prosa natural e romance de costume:

O livro está todo e todo, na observação, que o autor faz, do pequeno meio em que se desata a ação. É um quadro, magnífico e minucioso de costumes. A cidade ergue-se e palpita, pequena, mas viva, na desolação da planície salgada onde nasceu. Aqui e ali, surgem figuras, de uma realidade acabada e luminosa: o José Ribeiro catacego, a D. Angelina intrigante, o pobre Joaquim Caetano, o coronel Theotônio, o famoso, o invencível rábula (MEIRA OLYDIO, *Jornal Correio Paulistano*/SP, 11 de outubro de 1934, p. 08).

O romance apresenta a cidade de Macau/RN e a rotina de seus habitantes, por meio de um narrador que relata os fatos sem participar da história. Em princípio, a ficção delineia a viagem do jovem macauense Aluísio, recém-formado em Direito, no Recife, de volta à sua terra natal, onde irá exercer, inicialmente, a profissão de promotor, submetendo-se aos jogos políticos do sistema vigente. O leitor terá ciência do estilo de vida que o jovem estudante adotava durante os anos da faculdade (apresentando-se como um semideus, esbanjando a fortuna a família nas farras e mostrando-se arrogante); de umas férias vividas em Macau, além de tomar conhecimento da falência financeira do pai, Coronel Edmundo Rodrigues, ex-dono de manadas incontáveis de gado e de montanhas de sal. A narrativa mostra ao leitor a mudança de comportamento de Aluísio que, mesmo contra seus princípios, se submete às vilezas da política macauense para conseguir trabalho na tentativa de reerguer a família. O narrador apresenta uma das tensões vivenciadas pelo protagonista, decorrentes de frustrações pessoais e fracassos financeiros:

– Justamente hoje estou nervoso, e a hipocrisia desse povo que esteve aqui aborreceu-me ainda mais. Em Natal disseram-me que eu procurasse aproximar-me do Oliveira.

[...] É estúpido! É cruel! Tenho repugnância desse homem. E sou forçado a bater-lhe à porta, a sorrir, a recalcar os escrúpulos. [...] Que poderá fazer um advogado oposicionista numa terra em que não há oposição, nem civismo, nem dignidade, nem vergonha, dominada há mais de vinte anos por uma família? (PINHEIRO, 2000, p. 78).

Esse fragmento, situado no terceiro capítulo, apresenta a chegada do Aluísio a Macau, onde irá residir e exercer a função de Promotor. Aluísio vive um impasse no início do romance, uma crise de consciência moral (por se sentir responsável pela falência da família): ir em busca de sua felicidade e sucesso profissional em outras terras, porém deixaria a família cada vez mais arruinada; ou ficar, reerguer a família, entretanto, submeter-se às vontades do chefe político.

A sensação de impotência e de impasse vivenciada por Aluísio implica a consequente frustração pessoal, por causa da qual a personagem é vista, de início, como fracassada, tanto por alguns personagens quanto pelo leitor. Essa visão do fracasso e impasse constitui-se como uma das preferências dos romancistas desse período, mas não como um fracasso à desistência, e sim como uma forma de avaliar negativamente o presente e tomar consciência dos problemas do país. Para Bueno (2006, p. 77), “dessa preferência pelo impasse vem a particularidade do realismo praticado pelo romance de 30 em relação ao realismo do século XIX”.

O enredo é todo marcado por intrigas pessoais e políticas, jogos de interesses e favoritismo fruto do coronelismo sob o qual vivem as principais personalidades da cidade. O narrador, em alguns momentos, dá uma pausa no enredo principal para que o leitor tome conhecimento da trajetória de alguns personagens, motivos das ações apresentadas na ficção.

Ao chegar a Macau, Aluísio é recebido com festa, mas censura a mãe pelos gastos, pois a família está endividada. Observamos a descrição da cidade, da casa de D. Anunciada (já representando um tempo de falência, sem o brilho de outrora) e apresentação de alguns personagens, a citar: D. Angelina, destilando maledicências contra o novo bacharel; Coronel Teotônio, antigo caixeiro viajante, apesar de pouca instrução torna-se rábula¹ temido em toda a região, proferindo seus discursos prolixos; Dr. Moreira, químico de usinas de sal, sujeito deslocado na cidade; dentre outros. No final da festa, reflexivo, Aluísio resolve abrir mão de seus projetos pessoais e profissionais para ficar na cidade. Para isso, recorrerá aos favores políticos e assume a promotoria da comarca de Macau. A partir dos pensamentos de Aluísio, o leitor conhece o passado de Oliveira – ex-sócio de salinas, sua vida libidinosa, a falência, afastamento da cidade, trabalho duro em plantações de arroz, investimento na política, até, através de privilégios, volta para Macau como chefe político.

Passado algum tempo, é chegado o primeiro júri em que Aluísio está como promotor da cidade. Esse tribunal será marcado por um duelo entre o promotor e o rábula, motivo de grande agitação na cidade. Aluísio vence a disputa jurídica e Teotônio encontra obstáculos que ameaçam destruir sua carreira de rábula para sempre.

No mesmo período, iniciam-se as tramas maldosas de Angelina contra o bacharel. De origens simples, moradora de uma região insalubre e afastada da cidade, Angelina, na adolescência, faz o pai comprar uma casa no Largo da Conceição. Nessa fase, Angelina adquire projeção social, começa um romance com Dr. Lourenço Fernandes, bacharel, tio de Aluísio. Quando Lourenço percebe o futuro que te esperava, rompe o namoro e exila-se no Seridó. A partir dessa desilusão, Angelina cria um ódio contra todos os bacharéis. Para não se tornar solteirona, a jovem adquire consórcio com Joaquim Caetano, fiscal da Intendência Municipal, que passa a viver subjugado às maldades da esposa. Joaquim Caetano, que teve, na juventude, uma vida de deslumbramento, com o passar dos anos, sofria penosamente nas mãos da mulher.

Uma das situações conflituosas que Angelina cria envolve o esposo, Oliveira, José Ribeiro (comerciante e amigo de Aluísio), Aluísio e Luís de Melo (médico da cidade) que terá como consequência a criação de um processo contra José Ribeiro.

Passando os dias, em certa ocasião, enquanto caminhava pela cidade, Aluísio se depara com Dr. Amâncio (juiz de direito) e Oliveira e aproveita para pedir explicações sobre uma comparação espalhada por Teotônio que o chefe político comparava o promotor a cigarro apagado. Como desfecho, houve quebra de relações e Aluísio vai ao telégrafo encaminhar à capital o pedido de demissão por não querer dirigir uma comarca comandada por pessoas imorais.

O tempo passa, Angelina adocece, Joaquim Caetano, por alguns momentos, deseja a morte da esposa por representar possibilidade de liberdade, mas as melhoras vêm e ela continua ferina. D. Fefinha, uma das Souzas, resolve fazer investigações para

¹ O termo “rábula” (vocábulo depreciativo) servia para designar o profissional que, proveniente de pouca cultura, advogava sem diploma, obtinha a formação “prática” (FERREIRA, 2004). No Brasil, em comarcas distantes das capitais, até as primeiras décadas do século XX o rábula conseguia autorização de órgão competente para atuar. Isso acontecia em função do sistema político vigente no país naquele momento.

descobrir algumas tramas da cidade. O processo é arquivado em troca da quitação das dívidas de Teotônio e Amâncio no Empório Macauense, de propriedade do processado.

Aproxima-se o processo eleitoral e José Riberio tem a iniciativa de formar uma chapa com Luís de Melo e Aluísio. Em outra, estariam Oliveira e Teotônio. Essas eleições seriam significativas, pois Macau poderia ser a primeira cidade a “derrubar um chefe político”. Iniciada a campanha, o comerciante e o bacharel vão às regiões salineiras para pedir votos. Ao ter contato com o ambiente natural, Aluísio se sente atraído pela herança dos antepassados ao perceber o quanto o ser humano retroagiu nas cidades por busca de poder e por ganância. Aluísio se envolve totalmente na campanha e seus discursos são permeados de filosofia, literatura e direito, na tentativa conscientizar os salineiros de seus direitos. Por seu turno, Oliveira acompanha a campanha a partir das estatísticas sensacionalistas de Teotônio e acredita no governo, que para ele, tudo pode.

Enquanto isso, D. Fefinha continua com as investigações. Ao saber das investidas da solteirona, Angelina adoece mais uma vez. É chegado o dia das eleições. Teotônio conta com a vitória antes do tempo, mas é surpreendido com a resposta dos eleitores. Chico Torto, capanga do chefe político, se propõe a fazer um trabalho “na base da bala”, mas seu chefe desautoriza e vai ao telégrafo encaminhar ao governo informações sobre o resultado das eleições. No caminho, é convidado por Fefinha para uma conversa reveladora de todas as intrigas de Angelina envolvendo o nome do chefe político e outras pessoas da cidade. Diante da situação, Oliveira reconhece que recebeu duas lições: uma de Luís de Melo (nas eleições que o venceu como deputado) e outra de Fefinha.

Com isso, percebemos que o romancista de *Macau* se apodera de motivos locais (a cidade Macau – paisagens, lugares, regiões salineiras) para estruturar a teia narrativa que constitui representações da cultura brasileira e dos conflitos sociais nela apresentadas, consideradas, de certo modo, nacionais, como, por exemplo, a política dos coronéis e a industrialização das salinas, as tensões entre os aspectos de subdesenvolvimento e desenvolvimento.

Percebemos, então, o quanto o enredo apresentado em *Macau* está em consonância com os processos de desenvolvimento brasileiro ocorridos nas primeiras décadas do século XX e como o narrador descreve a configuração modernizante na cidade. Nessa teia ficcional, personagens interagem, revelando os conflitos entre o ritmo de vida provinciano e o ritmo de vida de um espaço em processo de modernização. *Macau* pode ser descrito a partir da noção de literatura empenhada apresentada por Candido em sua reflexão, em *Formação da Literatura Brasileira*, em 1957, de que a produção da prosa brasileira foi essencialmente empenhada:

O desenvolvimento do romance brasileiro, de Macedo a Jorge Amado, mostra quanto a nossa literatura tem sido consciente de sua aplicação social e responsabilidade na construção de uma cultura, [...] de um senso de missão [...]. A vocação pública, o senso de dever literários não bastam, de vez que o próprio alcance social de uma obra é decidido pela sua densidade artística e a receptividade que desperta em certos meios (CANDIDO, 2012, p. 434).

Essa literatura empenhada, desenvolvida no Brasil desde a segunda metade do século XIX até final do século XX, foi sobrevalorizada em virtude, possivelmente, dos regimes políticos totalitários (1889/1937/1964), que tiveram como respostas a voz dos intelectuais de esquerda, na literatura, na história, na música, na pintura. Da mesma forma, parte da crítica literária dos anos 30 também foi bastante comprometida a ponto

de alguns não considerarem qualitativo romances intimistas existentes na década, produção concentrada mais nas regiões sul e sudeste.

Verificamos que, naquele momento, o romance do Nordeste representava a própria realidade da região. Os escritores, consciente ou inconscientemente, estavam imbuídos ideologicamente e a prosa se voltava às questões da cor local, com interesses pelas expressões linguísticas tipicamente brasileiras, pelas regiões geográficas e, principalmente, pelos conflitos sociais e políticos como objetos preferenciais para a prosa romanesca.

No plano da cultura e da literatura, a década de 1930, no Brasil, é considerada marco histórico. As reformas que ocorrem no ensino, na cultura e na política e, sobretudo, uma tomada de consciência foram reflexos do movimento renovador da década anterior. Nesse contexto, verifica-se “a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira” (CANDIDO, 1987, p. 187).

Assim, partindo do pressuposto apresentado por Jauss (1994), de que o percurso histórico de uma obra é relevante no processo de recepção, concluímos que o docente da educação básica deve ter conhecimentos sobre conceitos de teoria, crítica literária e técnicas de análise. Tais conhecimentos devem ser transportados para sala de aula, a partir de estudo do texto literário, por meio de didáticas de leituras.

2. Recepção de *Macau* no ensino médio

*Na ordem do saber, para que as coisas se tornem
o que são, o que foram, é necessário esse
ingrediente, o sal das palavras.*

Roland Barthes

O pensamento expresso na epígrafe acima integra a abordagem do teórico Barthes e torna-se bastante significativo quando se pensa em incluir na sala de aula “o sal das palavras”, isto é, o sabor do texto literário no contexto escolar como indispensável à aquisição do conhecimento tanto empírico quanto imagético. O romance *Macau*, por ter como espaço uma das regiões salineiras do estado do Rio Grande do Norte, tem a presença literal do sal na vida dos personagens. A leitura da obra, conforme relatado a seguir, pôs sal de palavras na vida dos alunos que vivenciaram um encontro individual com a obra de Aurélio Pinheiro.

A experiência que será relatada trata-se de uma leitura do romance *Macau* por alunos do 3º ano do Ensino Médio dos cursos subsequentes de Técnico em Eletrônica e de Técnico em Comércio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Zona Norte, Natal/RN, realizada em 2012. Apresentaremos a recepção literária dos alunos a partir da análise de alguns exemplares das produções.

Na ocasião, da indicação de leitura do romance, o professor de Língua Portuguesa (a disciplina de Literatura, nesta instituição, está inserida no currículo de Língua Portuguesa) ministrava conteúdos referentes à prosa modernista da literatura brasileira. Escolheu *Macau* por considera-lo um dos romances que representa tal movimento no contexto da literatura norte-rio-grandense. Foi disponibilizada para os alunos uma versão em PDF, possibilitando a leitura na íntegra do texto literário, pois a última edição (2000) encontra-se esgotada.

O professor fez uso da história da literatura, porém não limitou sua abordagem em sala de aula ao estudo da historiográfico da literatura brasileira. Sua atuação se aproxima das propostas para o ensino de literatura apresentadas por William Roberto

Cereja em *Ensino de Literatura* (2013) que propõe o uso da historicidade a partir da união da diacronia e sincronia na análise do texto literário. Essa diretriz é também apresentada pelo MEC nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio:

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, ou as particularidades de quem a produziu [...] mas apenas tomando – para o ensino de literatura – o caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria subordinado à apreensão do discurso literário (OCEM, 2006, p. 76-77).

Sobre o estudo da história literária, o documento propõe que os dois primeiros anos do Ensino Médio sejam dedicados a experiência literária com o contato direto com as obras literária e o terceiro ano a história da literatura, constituindo uma espécie de aprofundamento, momento que os alunos já serão capazes de estabelecerem relações.

Outro aspecto relevante diz respeito à seleção de leitura sugerida pelo professor. Ao contrário dos métodos geralmente utilizados no Ensino Médio, quando há indicação de leitura, a escolha do docente recai sobre em obras institucionalizadas pela crítica. Neste caso, o professor indicou como leitura o romance *Macau* que não faz parte do circuito instituído presente nos livros didáticos e ainda não há crítica acadêmica estabelecida; ao contrário, faz parte das peculiaridades regionais que tinham desde a escolha do título da obra representações de alguns aspectos geográficos e/ou sociais da região apresentada, a exemplo do romance *Cacau* (1934), de Jorge Amado que apresenta as fazendas de cacau no sul da Bahia. A escolha do professor pode ter sido influenciada pelo fato de o professor estar imerso no contexto acadêmico de formação continuada que possibilita atualizar sua prática docente. Essa assertiva encontra respaldo também nas OCEM:

Chama-se a atenção para a necessidade da formação literária dos professores de Português, sobretudo no âmbito da proximidade com a pesquisa e, conseqüentemente, do vínculo com a universidade, em percurso de mão dupla, já que essa não pode jamais esquecer seu compromisso com a educação básica. Além de mediador de leitura, portanto leitor especializado, também se requer do professor um conhecimento mais especializado, no âmbito da teoria literária (OCEM, 2006, p. 75).

Neste sentido, não só as diretrizes do MEC, mas também outros autores que se dedicam a discutirem sobre o ensino de literatura na educação básica, a exemplo de Chiappini (2005), acreditam que quando há uma maior aproximação da universidade com a escola e quando o professor torna-se leitor especializado também de teoria literária é possível desenvolver práticas de leitura literária e ter uma melhor atuação em sala de aula.

Por convite do professor, por desenvolver pesquisa acadêmica dedicada ao romance *Macau*, fui convidada para dialogar com os alunos. O encontro aconteceu durante período de realização, pelos alunos, da leitura do texto literário. Levei os exemplares das três edições de *Macau* (1934, 1984, 2000) para que os leitores tivessem oportunidade de manusear os livros. Apresentei, desde a forma projetada pelo escritor (1ª edição) às edições posteriores, momento esse em que realizaram a leitura da capa, das representações simbólicas de suas imagens, das orelhas, da existência de prefácios nas 2ª e 3ª edições, enfim, tomaram conhecimento dos elementos paratextuais que a

edição em PDF não apresentava. A conversa foi intercalada por questionamentos acerca do romance e do autor.

O diálogo serviu para subsidiar a leitura dos alunos e aumentar seus conhecimentos sobre traços marcantes do romance. Tiveram oportunidade de apresentarem alguns traços presentes em *Macau* com outros romances da mesma década e citaram alguns títulos de autoria de José Lins do Rego que registram o momento de transformação social e econômica na decadência dos engenhos de cana-de-açúcar com a chegada das usinas, consequência do processo de industrialização. Os estudantes identificaram, no romance *Macau*, também as figuras dos bacharéis (até antes da chegada de Aluísio) fracassados, em virtude da predominância dos coronéis, o processo de industrialização do sal e as intrigas miúdas de uma política municipal ainda presa às práticas do coronelismo, mas que também enfrentava transformações.

Embora o romance *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, tenha sido publicado décadas depois do romance *Macau*, o fato de o enredo ser ambientado na década de 1920, além de ter sido adaptado para uma minissérie recentemente (2011/2012) transmitida pela rede Globo, permitiu aos alunos apresentarem a informação de que tomaram conhecimento da obra de Jorge Amado a ponto de fazerem uma aproximação dessa trama com o romance *Macau*. Esses leitores argumentaram que as obras apresentam a situação política do coronelismo, a presença de um julgamento, representando o espaço da razão como propício para resolver os conflitos. Outro ponto em comum as narrativas indicadas pelos estudantes é a presença das personagens “solteironas” que ora são mostradas como puritanas conservadoras; ora são avançadas críticas, a exemplo de D. Fefinha, que funda, em Macau, um centro político-social.

A interpretação do grupo leva à constatação de que os alunos leitores estão inseridos em uma comunidade discursiva, que amplia seus horizontes de leitura, favorecida pelas condições históricas (adaptação e transmissão da obra literária) e estéticas (aproximação entre os elementos de ambos os enredos – *Macau e Gabriela, Cravo e Canela*) que determinaram a atualização da leitura na trajetória percorrida pela obra.

Para Jauss (1994), a experiência do leitor serve como instância dialógica da comunicação literária que atualiza a compreensão da obra. O teórico alemão, segundo Nóbrega (2012) fundamenta seu conceito de experiência estética com base nos princípios da poética aristotélica (*poiesis, aisthesis, katharsis*). Metodologicamente, a experiência da *aisthesis* se concretiza em um ambiente favorável a discussão, espaço que o leitor externa seu ponto de vista sobre a obra literária e renova sua percepção de mundo. Em sala de aula, essa experiência acontece quando há diálogos sobre a obra literária e os alunos percebem que a literatura fala das condições humanas.

Quanto às questões de interpretação e atualização da obra, o professor Rildo Cosson (2009), na proposta da sequência didática expandida para estudo do texto literário, propõe como uma das etapas a “contextualização presentificada” que objetiva orientar o professor a fazer correspondência da obra literária com o momento presente da leitura. O papel do leitor é fundamental, pois ele irá fazer relações da leitura com elementos de seu mundo social, compartilhando impressões, descobrindo dimensões da obra não vista no primeiro momento de leitura.

A escola deve proporcionar oportunidades de compartilhamento de impressões sobre o texto lido e essa relação do leitor com o texto pode ser modulada por diversos fatores: linguísticos, culturais, ideológicos, dentre outros que podem provocar rejeição ou adesão. Nesse aspecto, a minha conversa enquanto leitora de *Macau* com outros leitores do romance se concretizou como um momento de enriquecimento de leitura

para ambos, de percepção e de prazer estético decorrente do reconhecimento dos leitores diante da obra literária.

Ao término do estudo do romance, como atividade que atividade escrita os alunos, o professor orientou uma produção escrita. Tive acesso às produções dos alunos, realizei leitura e selecionei um corpus de cinco exemplares para emitir reflexões sobre a recepção do leitor. Por questões éticas, os nomes dos estudantes não serão revelados e, por questões didáticas, serão identificados por E1 (estudante 1), E2 (estudante 2), E3 (estudante 3), E4 (estudante 4) e E5 (estudante 5).

2. 1 Leitura de uma recepção

As produções ora comentadas apresentam o posicionamento do leitor contemporâneo diante do texto literário. Elegemos para comentários alguns aspectos da analisados pelos alunos, a citar: a linguagem de alguns personagens, as questões sociais presentes no enredo, o espaço do romance e o posicionamento do herói no romance moderno.

A obra do passado pode ser recebida dentro do horizonte de expectativa de leitores contemporâneos por efeito da leitura, sem, necessariamente, identificar a obra dentro de estilo de época. Essa relação dialógica entre leitor e texto faz parte do processo de recepção e efeito de sentido de uma obra que possibilita sua atualização como resultado da leitura, que também dependerá das experiências pessoais e de leituras anteriores do leitor (JAUSS, 1994). Nesse sentido, apresentaremos a atualização que os leitores/estudantes secundaristas fizeram a respeito do romance *Macau*.

O olhar do E1 recai sobre a presença de profissões mais sofisticadas na configuração da cidade romanceada, demonstrando tentativa de desenvolvimento industrial da cidade. Por exemplo, a presença de um químico na pequena cidade chama a atenção do leitor por saber o quanto era rara e valiosa essa formação:

Algo que chama bastante atenção é a presença de um químico nesta pequena cidade interiora, pois nesta época essa profissão tinha um valor extremamente importante, poucas pessoas eram graduadas nessa área, e o Dr. Moreira era o químico que trabalhava na usina de sal do município, com base nesta informação podemos confirmar o que foi citado anteriormente [pelo professor], que as salinas estavam se industrializando e conseqüentemente precisavam de um profissional conceituado para melhorar a composição química do sal. Este profissional era bastante diferente dos moradores da cidade. (E1)

As particularidades do meio, seja histórico, social ou econômico, sempre estiveram presentes na literatura brasileira, principalmente, na ficção romanesca, sejam no romance romântico, pela busca de uma identidade nacional, sejam no romance modernista, pela denúncia aos padrões vigentes. Para Candido (1976), esse processo ocorre porque os problemas sociais trouxeram consciência literária aos escritores, pois “a velocidade, a mecanização crescente nos impressionavam em virtude do brusco surto industrial de 1914-1918 que rompeu nos maiores centros o ritmo tradicional” (CANDIDO, 1976, p. 121). Nessa linha de raciocínio, o processo de industrialização do sal e a presença de um químico na cidade romanceada, observados pelo leitor, revelam elementos da modernidade presentes na prosa Aureliana. E, quando o estudante percebe que o químico é diferente dos demais moradores da cidade, denuncia o grau de mecanização que esse profissional já sofreu, acostumado em grandes centros com um ritmo de vida mais individual e voltado ao trabalho, refém da industrialização.

A apreciação do E2 recai sobre a organização social da cidade apresentada pelo narrador. Esse leitor mostra-se conhecedor de outros romances constituídos em espaço rural: “a porção urbana da cidade era destacada, diferentemente de outros livros da época que abordavam a porção rural” (E2). Entretanto, o estudante revela problema de percepção, pois confunde o narrador com o protagonista – talvez, ainda não estejam claro para esse estudante os elementos que compõem uma narrativa:

Macau traz uma visão da organização sócio geográfica da cidade, da população, do meio físico, narrada pelo Doutor Aluísio, jovem bacharel, que protagoniza e descreve essas características, que só quem vivenciou aquela realidade poderia descrever, o autor Aurélio Pinheiro. (E2) [grifo nosso]

Quando o estudante consegue estabelecer relações entre os problemas sociais da realidade brasileira no início do século XX com algumas características da prosa modernista, além de revelar conhecimentos prévios, este leitor identifica a possível aproximação entre dois sistemas: o literário e o social. Esse diálogo permite ao leitor reencontrar o mundo sobre olhar do autor, sendo o texto literário um possível campo de investigações que permite o leitor compreender determinado contexto sociocultural. Entretanto, as condições de produção da obra literária devem estar subordinadas à leitura do texto literário.

O E3 fez um levantamento de vários aspectos presentes no romance que podem ser relacionados com o contexto histórico-social do país no tempo da aparição da obra. Neste sentido, mostrou-se capaz de estabelecer relações entre o romance e o momento histórico, confirmando com comentários sobre determinados fragmentos da obra, a citar:

a) Mistura da temática cotidiana com a temática histórico-social:
Uma cena notável a respeito deste tópico está presente já no segundo capítulo quando a família de Aluísio, protagonista do enredo, organiza uma recepção para sua chegada. Naquele período, era bastante comum receber um familiar que chegara de viagem com uma festa onde convidavam se amigos e entes próximos para festejarem juntos, e nisso, os mais ousados fazia um sereno discurso de boas-vindas, que no livro, expôs a oratória e retórica do Coronel Teotônio. (E3)

b) Consciência do subdesenvolvimento:
Ao longo da narrativa, pode-se perceber fragmentos de um contexto social carente de desenvolvimento, onde homens, mulheres e crianças realizam atividades que exigem trabalhos manuais e cansativos para conseguir sua sobrevivência. (E3)

c) Representações sociais em forma de narrativas:
Pinheiro teve o cuidado de representar várias máscaras sociais em seu livro, e estas personas tornam o livro atemporal, ou seja, em qualquer período da história que você lê-lo perceberá problemas de caráter social contemporâneos. Com pessoas fofas, falidas, pobres que enriqueceram, humildes, competitivas, agressivas e intimidadoras, autoridades corruptas, entre outras características, *Macau* se torna envolvente de tal forma que você pode até encontrar a si mesmo neste enredo tendo nome ou gênero diferentes. Isso porque há uma concepção dialética do local-universal, onde situações locais refletem atitudes universais. (E3)

Destacaremos o olhar de E3 sobre a natureza humana, exposta em “Representações sociais em forma de narrativas” ao mostrar que, independente de período histórico, a ficção é capaz de revelar as singularidades da realidade humana, o gozo, a dor, a angústia, a dúvida, a glória, a vileza, a argúcia, dentre outras atitudes exclusivas do ser humano, o que nos permite melhor compreendermos. A partir da análise de *Macau*, esse leitor acredita que a literatura é capaz de tornar o homem cada vez mais conhecedor de sua própria natureza, ou seja, capaz de levar ao conhecimento de si mesmo. A conclusão a que este leitor chega já era revelada por Todorov (2010, p. 92) quando afirma que “sendo objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”, pois consciente ou inconscientemente, nos humanizamos a cada contato com a arte – entendo aqui humanização como o grau de sensibilidade que contribui para a formação cultural do cidadão.

O E4 também fez um levantamento de alguns aspectos amparado em fragmentos do enredo. Um dos aspectos que nos chamou mais atenção foi a evidência de que o leitor tem uma história de leitura constituída:

[...]os diálogos do romance modernistas são bem diferentes do romantismo, pois os personagens são bem mais próximos da realidade, suas falas mostram imperfeição, defeitos, características ruins, não existe um vilão, não existe um herói, não existe a mocinha. [...] na obra *Macau* pode-se entender como **vilão**, a seca e as misérias da sociedade, a **mocinha** seria toda a sociedade que está à mercê do vilão, e o **herói** é a esperança de um futuro melhor. (E4) [grifo do autor]

O estudante mostra-se leitor de outros romances, capaz de perceber a diferença estética e ideológica da prosa brasileira em dois momentos: romantismo e modernismo. O vilão, a mocinha e o herói, mencionados pelo leitor, carregam uma perspectiva de leitura romântica que é quebrada com as imperfeições dos personagens modernistas. Essa idealização, conhecida pelo estudante, possivelmente, corresponda à primeira fase do romantismo na literatura brasileira. Nas obras de José de Alencar, por exemplo, há idealização do meio, prevalecendo a perspectiva romântica dos personagens. Isso nos revela que, em momentos anteriores, provavelmente na escola, o estudante teve contato com a tradição literária brasileira, de forma que possibilitou sistematizar essas relações. Já o vilão, a mocinha e o herói apresentados por esse leitor, na perspectiva modernista, incorporam problemáticas sociais tão amplas que a ficção deixa em aberto suas soluções, pois, diante dos efeitos da modernidade, o ser humano torna-se imperfeito e incompleto.

É interessante notar que os dois momentos aqui mencionados pelo estudante (Romantismo e Modernismo) são considerados pelo crítico Antonio Candido (1976) como momentos decisivos na literatura brasileira, ambos representam altos índices de particularidade literária na dialética do localismo e do cosmopolitismo, ou seja, tensões entre os elementos locais e a herança da tradição europeia. No romantismo brasileiro, há uma tentativa de superar a influência portuguesa apresentando as peculiaridades nacionais; no modernismo, apesar das influências sofridas pelas vanguardas europeias, na primeira fase, houve na prosa a forte presença dos dramas vividos no país, tais como decadência da aristocracia, luta dos trabalhadores, êxodo rural, transformações urbanas. Alguns desses problemas nacionais foram percebidos pelo E5 ao cotejar a relação da situação econômica do país nos anos de 1930 com questões internas do enredo:

Evidências internas do texto podem ser utilizadas para comprovar a relação com a dinâmica histórica e política da década de 1930. Este período é caracterizado por **crises**, que tornam instável a economia: a queda da bolsa de valores de Nova Iorque e a crise do café (1929).

A chegada de Aluísio em Macau é percebida por uma discussão acerca da decisão no congresso, que desfavoreciam o sal da cidade.

[...]

Em *Macau*, podemos observar ainda, influências do capitalismo industrial promovendo transformações econômicas e modernização do espaço e da paisagem da cidade. Na verdade, a modernização é o elemento principal na composição da trama, pois é a partir da mudança do sistema de produção do sal é que ocorre a falência da família da Aluísio, isso somado as debilidades que tornara seu pai inútil e a loucura de sua irmã, não só prendem o personagem a pacata Macau como o colocam na posição de herói. (E5)

O leitor percebe o contexto do herói problemático da narrativa moderna, suas escolhas (no caso de Aluísio – ficar em Macau) revelam os conflitos existenciais e as limitações humanas diante da realidade. Apesar de Aluísio ter nascido na aristocracia rural e salineira, a crise econômica instaurada em sua família o leva a uma crise individual e de consciência moral que o “aprisiona” em Macau. Essa atitude do personagem tem como consequência a frustrações pessoal e profissional, tornando-o uma espécie de vítima da crise nacional, visto pelo leitor como herói.

A recepção do romance *Macau* realizada por esses alunos do 3º ano do Ensino Médio é apenas uma das possíveis leituras que o romance proporciona. Nessas produções, percebemos o estabelecimento de relações e demonstrações de aprendizagens significativas que se concretiza pela formação efetiva de leitores críticos. A exposição de distintos conhecimentos adquiridos em outras disciplinas, tais como história, geografia, não necessariamente. Essa aquisição demonstra o quanto os conteúdos educacionais, inseridos ou não na mesma área de conhecimento, podem constituir aprendizagens significativas que os estudantes carregam consigo. O ensino de literatura pautado apenas no historicismo transmite ao aluno somente aprendizagens de fatos, enquanto o ensino pautado na leitura do texto literário e uso do contexto histórico no qual a obra foi produzida, transmite aprendizagens que possibilita uma rede conceitual capaz de emancipar e recuperar valores do leitor, pode mudar o comportamento social e até transformar o meio em que ele vive.

3. Considerações

A partir do presente estudo, podemos afirmar que os alunos, em sua maioria, conseguiram enxergar, no romance *Macau*, embora escrito nos anos de 1930, atualidade à realidade do leitor contemporâneo, pelo fato de as cenas narradas revelarem as múltiplas faces da natureza humana envolvendo intrigas, hipocrisia, ódio, inveja, compaixão e (in)justiça. A obra literária está inserida em um contexto histórico-cultural dentro do qual foi produzida e será sempre explorada por leitores que também estão inseridos em um contexto histórico-cultural, sejam contemporâneos ou não da obra. A leitura propicia o contato com experiências de outras épocas e visões de mundo que se aproximam ou se distanciam da visão do leitor. O posicionamento do leitor diante da obra pode representar a sociedade em que está inserido ou o desejo de mudá-la.

Percebemos o quanto a literatura pode levar o leitor a ter uma nova percepção do mundo, tanto sensorial, quanto moral e ética; retira o homem do estado de inércia, liberta das restrições da vida cotidiana, sendo capaz de elevar a um ideal estético e ético

que contribuirá para a paz social. As contribuições que o ensino de literatura pode trazer para a vida do estudante leitor são confirmadas nos estudos de Candido (1995), Compagnon (2009), Cosson (2009), Todorov (2010), dentre tantos outros. Estão também presentes nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) da educação brasileira.

Esperamos ter cumprido uma dupla tarefa, tanto de apresentar uma leitura do romance enquanto leitora crítica, quanto contribuir para o ensino de literatura, levando assim as contribuições da crítica literária à sala de aula. Essa dupla jornada, confirma uma das teses do estudioso alemão Jauss (1994) ao acreditar que a literatura tem função social e formadora, ou seja política e estética. A literatura pré-forma o mundo do leitor refletindo em seu comportamento na sociedade. Para isso tem que levar em consideração a experiência literária de cada leitor. Nessas condições, a literatura pode levar o leitor a uma nova visão de mundo, pode se atualizar tanto como percepção estética quanto ética.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanete. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- CANDIDO, A. Literatura e Cultura: 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976, p. 109-138.
- _____. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- _____. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.
- CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. 2ª ed. São Paulo, Atual, 2013.
- CHIAPPINI, Lígia. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação, novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte, 2009.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura com provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- Ministério da educação e cultura (MEC). *Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais*. (PCN+), 2002.
- Ministério da educação e cultura (MEC). *Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM)*, 2006.
- NÓBREGA, Maria Marta dos Santos Silva. Por uma metodologia triangular para o ensino de literatura: contribuições da experiência estética de Jauss. In: *Ensino de Língua e Literatura: políticas, práticas e projetos*. MIRLEU, Isis; RODRIGUES, Márcia Candéia (org.). Campina Grande: Bagagem, UFCG, 2012.
- PINHEIRO, Aurélio Waldemiro. *Macau*. Natal: Edufrn, 2000.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. (tradução de Caio Meira). 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo. Ed. Ática 2004.